

ENTREVISTA MEMORIALÍSTICA DE PELÉ: ANÁLISE DO GÊNERO DE TEXTO PARA UMA MODELIZAÇÃO DIDÁTICA

PELÉ'S MEMORIALIST INTERVIEW: ANALYSIS OF THE TEXT GENRE FOR DIDACTIC MODELLING

Rosalice Pinto  <https://orcid.org/0000-0002-7638-654X>

IFILNOVA/CEDIS – Universidade Nova de Lisboa; Grupo PROTEXTO, UFC
rosalice.pinto@fsh.unl.pt

Carla Teixeira  <https://orcid.org/0000-0002-8721-812X>

Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Lisboa; Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa*
carla.teixeira@fsh.unl.pt

Joaquim Dolz  <https://orcid.org/0000-0003-1488-0240>

Université de Genève
joaquim.dolz-mestre@unige.ch

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10302831>

Recebido em 12 de agosto de 2023

Aceito em 20 de setembro de 2023

Resumo: No paradigma vigostikiano, os gêneros de texto constituem um *megainstrumento didático* que podem vir a ser utilizados no ensino e aprendizagem das línguas. Na verdade, é a partir de modelos de texto já interiorizados pelos indivíduos que estes podem reproduzi-los e modificá-los em função de contextos socio-histórico e interacionais diversos. Face a esse pressuposto, este artigo objetiva analisar aspectos textuais (organizacionais, temáticos e de textualização - enfatizando aqueles relacionados com valores argumentativos), relevantes do gênero de texto *entrevista memorialística*, em sua modalidade oral, para o desenvolvimento de algumas pistas necessárias para a sua modelização didática. Em termos metodológicos, parte-se do princípio de que, embora se considere a análise de um texto singular, este apresenta as características gerais do gênero de texto no qual está inserido. Em função da reflexão teórica e da análise, serão propostas algumas pistas para a descrição do gênero e para a produção deste, em contexto escolar, no ensino fundamental e médio

Palavras-chave: Entrevista memorialística. Gênero de texto oral. Didática do gênero. Argumentação

Abstract: In Vigotisk's paradigm, text genres constitute a didactic megainstrument that can be used in language teaching and learning. In fact, it is on the basis of text models already internalized by individuals that they can reproduce and modify them according to different socio-historical and interactional contexts. . Given this assumption, this article aims at analysing relevant textual aspects (organizational, thematic and textualization - emphasizing those related to the argumentative dimension) of the text genre memorialist interview, in its oral modality, in order to develop some necessary paths for its didactic modelling. In methodological terms, it is assumed that, although we consider the analysis of a single text, it presents the general characteristics of the text genre in which it is inserted. As a result of the theoretical reflection and analysis, some paths will be proposed for describing the genre and for producing it in a school context, in primary and secondary education.

Keywords: Memorial interview. Oral text genre. Didactic modeling. Argumentation

* O trabalho desta investigadora é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/LIN/03213/2020 e UIDP/ LIN/03213/2020 – Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa (CLUNL).

1. Introdução

A linguagem, como evidência de um pensamento consciente, apresenta uma dimensão individual; contudo, como conhecimento partilhado, também assume uma dimensão de carácter social, relevante na comunicação entre os seres humanos, com impacto na dinamização das interações entre sujeitos. Em outras palavras, como salienta Vigotski (2001, p. 11), “a linguagem é, antes de tudo, um meio de comunicação, de enunciação e compreensão”¹.

É a partir desse princípio norteador que se deve ratificar o papel central da linguagem para o desenvolvimento dos sujeitos em sociedade, em suas múltiplas interações, tese central tanto para o programa de trabalhos do Interacionismo Social em sua vertente mais discursiva (Interacionismo Sociodiscursivo - ISD) (Bronckart, 1999), quanto em sua aplicação didática (Dolz; Schneuwly, 1998, 2004).

Partindo dessa orientação teórica, este trabalho, integrado no âmbito da investigação do grupo Historicidade dos Textos e Ensino da Língua (HISTEL), tenciona trazer um estudo exploratório do gênero de texto *entrevista (em sua modalidade oral)*, a partir da análise de um texto empírico, originalmente designado² por *entrevista de Pelé*. Vale ressaltar que considerar-se-á aqui que esse texto singular é reconhecido pelos usuários da língua como pertencente a determinado gênero por apresentar certas regularidades que lhe são peculiares, não deixando, contudo, de evidenciar certas especificidades, uma vez que é susceptível a variações e adaptações em função dos usos e das próprias necessidades dos falantes.

Dessa maneira, são objetivos do presente trabalho: i) fazer uma revisão da literatura sobre o gênero *entrevista* em várias atividades de linguagem; ii) identificar algumas regularidades presentes na *entrevista* e alguns elementos singulares dos gêneros *entrevista radiofônica* e *entrevista memorialística*; iii) analisar as dimensões argumentativas do exemplar de *entrevista memorialística de Pelé*; iv) propor a modelização³ didática do gênero, a partir da reflexão teórica e da análise efetuada, criando estratégias para o aprendizado deste gênero para o ensino fundamental (até 12 anos) e para o ensino médio (1.ª fase: de 12 a 15 anos; 2.ª fase: a partir dos 15 anos), com foco no desenvolvimento do ensino da compreensão e produção textuais.

Para dar conta desses propósitos, este artigo é composto de seis partes. Em um primeiro momento, faz-se a apresentação das contribuições teóricas que orientam este trabalho (cf. 1 e 2). Em seguida, passa-se à explicitação de questões metodológicas (cf. 3). Em outro momento, procede-se à análise da *entrevista memorialística de Pelé* (cf. 4 e 5). No entanto, é importante ressaltar que o texto singular analisado dessa entrevista apresenta uma realização e difusão bem peculiares, como salientado por Miranda e

¹ Para uma discussão sobre a originalidade do pensamento vigotskiano em relação a teorias que consideravam que o estudo do significado da palavra implicaria, de forma dicotômica, linguagem ou pensamento, cf. Vigotski (2001).

² No decorrer do trabalho, em consonância com aspectos já apontados neste número por Miranda e Bússola (2023, neste número), observar-se-á que este gênero, face às peculiaridades de produção que lhe são características, será denominado *gênero de entrevista memorialística (GEM)*.

³ Vale salientar que o modelo didático dos gêneros (MDG) relativo à formalização das componentes ensináveis dos gêneros orais e escritos no ensino foi desenvolvido e detalhado por De Pietro e Dolz (1997), Dolz e Schneuwly (1998) e Dolz e Gagnon (2008). Contudo, optou-se pelo termo de “modelização” para evidenciar que o que se aporta neste trabalho são pistas para a criação de um MDG. Para a construção efetiva do último, faz-se necessária a análise de um *corpus* mais alargado de exemplares do GEM para se depreender realmente um MDG. Ou seja, a *modelização* corresponde a um modelo em *construção* ou em *processo*.

Bússola (2023), neste número. Por fim, sugere-se uma proposta para uma possível modelização didática do gênero em apreço (cf. 6).

1. Enquadramento teórico

As relações entre os sujeitos são observadas no âmbito do ISD, que considera que estes se organizam em torno de atividades coletivas ou sociais, constituindo comunidades verbais. As trocas verbais são então realizadas através de objetos empíricos, os textos, que retomam formatos textuais em função dos propósitos dos falantes.

Nesse contexto, além da dimensão social, destaca-se igualmente a dimensão psicológica da linguagem, relacionada à intencionalidade que cada falante imprime ao texto:

a atividade social em geral pode ser tomada sob o ângulo psicológico da ação, a atividade da linguagem também pode ser tomada, sob o mesmo ângulo, como **ação de linguagem**, imputável a um agente, e que se materializa na entidade empírica que é o **texto** singular. (Bronckart, 1999, p. 39)

Assim, cada texto é produzido em função do seu contexto de ação de linguagem, do qual o falante seleciona as diferentes unidades que o compõem para satisfazer os seus propósitos comunicativos. A esse respeito, enfatiza-se, no quadro do ISD, a importância das condições de produção para a descrição dos gêneros, a saber: os interlocutores envolvidos, o papel social de cada um, o objetivo. A essas características, acrescentam-se, ainda, o lugar e o momento de produção, bem como o suporte⁴.

Afigura-se, pois, necessário um modelo de análise de textos que dê conta tanto das regularidades, quanto das especificidades dos textos. O ISD prevê, em termos analíticos, três níveis de estruturação do texto: i) a infraestrutura textual (organização temática e atitudes enunciativas ou tipos discursivos e eventuais sequências); ii) os mecanismos de textualização (conexão e coesão nominal) e iii) os mecanismos de responsabilização enunciativa (fonte enunciativa, vozes e pontos de vista e atribuições modais). Essa arquitetura geral dos textos, detalhadamente descrita no quadro do ISD, será objeto de adaptação, no corpo deste trabalho, em função das exigências analíticas impostas pelo próprio exemplar de texto analisado⁵ e do cunho didático a que se propõe este artigo.

Na presente investigação, ainda, considera-se que todos os textos apresentam uma dimensão argumentativa, à semelhança do que afirma Amossy (2012), na medida em que se parte do princípio de que o sujeito, ao compor os diferentes níveis de estruturação textual e ao selecionar determinados elementos plurissemióticos em detrimento de outros, não o faz aleatoriamente. Essas escolhas apresentam as suas *impressões digitais*, sendo feitas em função de suas crenças, valores e conhecimentos. O trabalho precursor de Anscombe e Ducrot (1983) já afirmara que os enunciados são argumentativamente orientados, a partir da análise pormenorizada de algumas estruturas linguísticas.

⁴ Embora a questão do *suporte* não tenha sido desenvolvida no quadro do ISD, salienta-se o trabalho precursor de Marcuschi (2008), em contexto nacional, sobre a sua relevância.

⁵ Vale salientar que se preconiza, no grupo de pesquisa do HISTEL, um quadro teórico-metodológico que abarque categorias analíticas, ainda não desenvolvidas pelo ISD, mas que podem vir a enriquecer as análises perpetradas. Evidentemente, parte-se do princípio de que epistemologicamente essas categorias são compatíveis com o Interacionismo Social aqui defendido.

A dimensão argumentativa é, por isso, intrínseca àquilo que é dito, estando imbricada em todos os recursos plurissemióticos (linguagem, imagem, som, entonação, gestos) que são *intencionalmente* utilizados pelo agente produtor, no intuito de fazer com que o outro possa vir, até, a aderir a uma tese ou a uma ideia. Dessa forma, pode-se considerar que o ato de argumentar é também constitutivo dos textos. No entanto, é importante mencionar que o caráter persuasivo a estes associados (que corresponde ao cumprimento da visada argumentativa⁶) não é uma característica de todos os textos.

Ainda assim, a existência dessa dimensão argumentativa varia em função dos diversos gêneros de texto analisados, uma vez que as escolhas plurissemióticas são constringidas por questões socio-históricas diversas. Na realidade, existem gêneros já consagrados socialmente como argumentativos no nível macrotextual nas diversas práticas sociais; por outro lado, há outros que, embora não sejam considerados argumentativos no nível apontado, apresentam traços argumentativos (plurissemióticamente identificados), o que lhes confere também uma dimensão argumentativa.

Portanto, para efeitos do presente trabalho, centrado em uma acepção alargada do termo argumentação em sua aplicação didática, preconiza-se a adoção de um procedimento de análise de textos em práticas sociais (Pinto, 2020), na sequência da diversidade de estudos da área da argumentação com aplicação ao ensino (De Pietro e Dolz, 1997; Koch e Elias, 2016; Rapanta e Macagno, 2016; Azevedo e Tinoco, 2019).

Para tal feito, enfatiza-se o paradigma vigostikiano, em que os gêneros de texto constituem um *meioinstrumento didático* a ser utilizado no ensino e aprendizagem da língua. Metodologicamente, esse processo de aplicação dos estudos de gênero ao ensino decorre da análise e sistematização dos conteúdos linguísticos com vista à constituição de uma MDG.

Passar-se-á, na próxima seção, à revisão da literatura referente à *entrevista* que começará por enformar teoricamente a modelização didática da *entrevista memorialística* a apresentar.

2. A entrevista na atividade social jornalística

A *entrevista* é, como afirma Morin (1973, p. 115-116),

Uma comunicação pessoal tendo em vista um objetivo de informação [...] é uma intervenção, sempre orientada para uma comunicação de informações. Mas este processo informativo, sempre presente, pode não ser o processo nem o fim essencial da entrevista; é o processo psico-afetivo ligado à comunicação que pode ser o mais importante, embora de maneira diferente, tanto no domínio das ciências humanas quanto no domínio dos veículos de massa.

Para o autor, essa definição pode se enquadrar tanto no âmbito das Ciências Sociais quanto no da Comunicação Social. Contudo, há diferenças a considerar. No primeiro caso, a *entrevista* tem um caráter metodológico e visa verificar dados,

⁶ Existe, de acordo com Amossy (2012), uma clara diferença entre *dimensão argumentativa* e *visada argumentativa*. Segundo a autora, a simples colocação de determinado ponto de vista sobre um objeto já evidencia uma dimensão argumentativa em um discurso, ou seja, a argumentação é inerente a qualquer discurso. Já a visada argumentativa implica, forçosamente, uma clara intenção do locutor em modificar um posicionamento do alocutário, ou seja, persuadi-lo.

atingindo um público específico e restrito. No segundo caso, atende às normas jornalísticas previstas, alcançando um público mais amplo e heterogêneo.

Há autores que salientam a importância da *entrevista* no próprio dia-a-dia das pessoas (Essenfelder, 2005) e outros acentuam igualmente a relevância da *entrevista* na comunicação humana em vários outros campos, tais como na educação e no âmbito profissional (Hoffnagel, 2010).

Dessa forma, face à pluralidade de usos associados à *entrevista*, considera-se, à semelhança de Hoffnagel (2010), a existência de vários gêneros relacionados com o gênero textual *entrevista*. Contudo, ressalta-se a regularidade da existência de uma estrutura composicional comum de perguntas e respostas (muitas vezes, assemelha-se a uma espécie de *ping-pong* que vai retomando os conteúdos temáticos abordados na interação), com características específicas em função da atividade social e do fim pretendido pela entrevista.

Na atividade jornalística, em especial, considera-se, tal como Charaudeau (2005), a existência de um contrato de comunicação com duas visadas distintas e com lógicas particulares. Por um lado, o de informar e, por outro, o de captar a atenção do cidadão. E é em função das finalidades inerentes a essas perspectivas que vários gêneros textuais podem emergir. No caso específico da *entrevista*, o objetivo é informar, mas também pode pretender captar a atenção do interlocutor, como se observa claramente no estudo do texto selecionado.

Ainda na atividade jornalística, os gêneros textuais⁷ podem se apresentar tanto na modalidade oral, quanto escrita. Esta questão, abordada por Marcuschi (2008), encontra-se reproduzida no quadro a seguir.

Quadro 1: A entrevista na atividade *jornalística*

Atividade ou domínio discursivo	Modalidade da lingual	
	Escrita	Oralidade
Jornalismo	Editoriais, notícias, reportagens, nota social, artigos de opinião, histórias em quadrinhos, palavras cruzadas, crônica policial, crônica esportiva, entrevistas jornalísticas , anúncios classificados, carta ao leitor...	Entrevistas jornalísticas , entrevistas televisivas, radiofônicas, coletivas, notícias de rádio e de TV, reportagens ao vivo, comentários, discussões, debates, apresentações, programa radiofônico e boletim do tempo

Fonte: Marcuschi (2008, p. 195)

A partir do quadro acima, verifica-se que Marcuschi (2008) associa o gênero *entrevista* ao domínio jornalístico e às modalidades escrita e oral. Por sua vez, centrando-se no estudo dos gêneros escolares, mais especificamente, Dolz e Schneuwly (2004) consideram que a *entrevista* é um gênero jornalístico de larga tradição. Esta envolve um entrevistador (*expert*), um entrevistado (pessoa que fornece as informações

⁷ Bronckart (1999) faz uso da expressão *gênero textual* ou *de texto*; Bakhtin (2011) usa *gênero do discurso*. No caso específico deste trabalho, optamos pela denominação *gênero de texto*, por nos atermos ao estudo da materialidade plurissemiótica em língua natural (português) dos textos em análise, socio-historicamente instanciados.

quando questionada), e um terceiro, o auditório, que está, teórica ou implicitamente, à procura de informações sobre determinada questão.

A partir dessas considerações teóricas prévias, observa-se que a *entrevista*, inserida na atividade jornalística, apresenta um caráter altamente padronizado. Nesta, o entrevistador (aquele que abre e fecha a entrevista) tem a função de orientar e reorientar a interação, cabendo ao entrevistado fornecer as informações solicitadas. Como outros gêneros dessa atividade, a *entrevista* pretende informar o auditório, captando a sua atenção.

Além desses aspectos gerais que traduzem a regularidade deste gênero, há uma característica que lhe é peculiar e que merece ser destacada: o suporte. Nesse sentido, tanto para Marcuschi (2008) como para Charaudeau (2005), o suporte é de extrema importância, uma vez que é responsável por dar forma à mensagem e atribuir sentido. Com isso, uma entrevista face a face é diferente de uma entrevista transmitida via rádio, televisão ou qualquer outro meio, pois cada meio de comunicação e de interação proporciona diferentes experiências comunicativas. Sublinha-se, então, que a alteração das condições de produção e de circulação modifica também a própria materialidade plurissemiótica dos textos.

Tendo sido apresentadas algumas características gerais sobre o gênero *entrevista*, passar-se-á a detalhar algumas especificidades dos gêneros *entrevista radiofônica* (doravante GER) e *entrevista de cunho memorialística* (via áudio) (doravante GEM), sendo que esta última constitui o objeto de estudo deste trabalho.

2.1. O gênero *entrevista radiofônica* e o gênero *entrevista de cunho memorialístico*: uma análise contrastiva

Um gênero textual implica a articulação entre os aspectos situacionais⁸, os composicionais, os referentes à textualização e àqueles referentes à responsabilização enunciativa⁹, de acordo com o quadro do ISD (Bronckart, 1999), como mencionado anteriormente. Inclusive, esses dois últimos aspectos estão diretamente relacionados, nesta contribuição, à materialidade plurissemiótica dos textos.

Partindo desse pressuposto e de forma a ilustrar essa interação, proceder-se-á à análise prévia de algumas questões situacionais relativas aos GER e GEM que, embora apresentem algumas similitudes com o gênero *entrevista*, evidenciam também certas especificidades. Como se observará, algumas dessas questões permitirão, inclusive, antecipar elementos decorrentes da análise do exemplar de texto do GEM aqui analisado.

Considerados como *entrevistas jornalísticas*, esses gêneros apresentam características similares em termos de genericidade, no que tange ao **caráter dialógico e assimétrico** que lhes é associado. Lembremos que nestas são colocadas as perguntas por parte do entrevistador e são apresentadas as respostas do entrevistado, sendo que durante as interações existe certo controle do primeiro sobre o conteúdo do que é perguntado. Evidentemente, o conteúdo das perguntas bem como a resposta dada visam atender o interesse de um terceiro (público-alvo). Ademais, o objetivo do entrevistador é a procura de informação, de forma a dá-la a conhecer a esse público interessado, possibilitando aprofundar e esclarecer fatos, bem como formar opiniões sobre assuntos diversos.

⁸ Os aspectos situacionais referem-se a lugares sociais de produção, interlocutores envolvidos e respetivos papéis sociais, espaço de circulação, finalidade e suporte.

⁹ Devido a limitações de espaço, a questão da responsabilização enunciativa não será aqui desenvolvida.

Tanto no GER¹⁰ quanto no GEM, face aos meios de difusão e circulação utilizados e do público ao qual se dirigem, verifica-se o uso de uma **linguagem** (mais ou menos) **coloquial**. Inclusive, em função do auditório, essa coloquialidade pode vir até a motivar algum tipo de emoção. Inclusive, no GER, em alguns casos, está prevista uma interação direta com o ouvinte que pode também participar e opinar. Com efeito, o GER adapta-se perfeitamente ao próprio suporte em que circula e a partir do qual é veiculado.

Estabelecidas as similitudes entre os dois gêneros, passar-se-á, de seguida, à apresentação de algumas especificidades desses gêneros.

No que tange à **finalidade específica** do exemplar a ser analisado pertencente ao GEM, pontualmente, observa-se o propósito de transmitir ao ouvinte informações mais detalhadas ou, ainda, desconhecidas sobre a vida de Pelé. Essa característica do GEM contrasta com a do GER. Na verdade, a finalidade deste varia em função de contextos diversos.

Em termos de **condições de produção**, neste trabalho analisar-se-á um exemplar de GEM, na modalidade oral. Contudo, ressalta-se que, para fins analíticos, recorrer-se-á a excertos obtidos através da transcrição efetuada por membros do Histel. Assim, em traços gerais, considerar-se-á a existência de uma instância de produção que abarca, além do **entrevistador** (com um papel social de jornalista do setor de comunicação do museu em busca de informação), o entrevistado.¹¹

Já no caso do GER, além do entrevistador e entrevistado, pode existir também um terceiro elemento, o próprio público, que, em uma emissão ao vivo, poderá interagir ou fazer perguntas ao entrevistado. Evidentemente, esta última questão, dependendo da estação, está sujeita a **uma pauta** (de responsabilidade da **equipe de produção**).

Em relação às **condições de recepção**, poder-se-á pensar em duas instâncias, de dois níveis. Primeiramente, o entrevistado ou aquele que participa da interação, no caso, Pelé; em um segundo nível, e talvez o mais importante, pode-se afirmar também que esta é endereçada a um **público** específico: os interessados na figura de Pelé, os curiosos ou amantes do futebol. No caso da entrevista radiofônica em geral, o que importa é o público-alvo do suporte a partir do qual esta é veiculada.

Além disso, em termos de **momento de circulação**, a entrevista radiofônica, frequentemente, é transmitida em direto e ao vivo, sendo o **lugar de circulação** indefinido, dependendo da difusão da própria emissora de rádio.

O exemplar em observação do GEM é uma **entrevista diferida**, o que significa que pode ser escutada a qualquer momento, porque não está ancorada no momento em que é produzida. No caso, o **lugar de circulação** é o próprio arquivo do Museu da Imagem e do Som (local em que as pessoas vão pesquisar as informações). Embora, originalmente, esta entrevista memorialística tenha sido gravada em 1969, no entanto, observam-se neste texto diferentes contextos de produção que compõem o texto final, como salientam Miranda e Bussola (2023), neste mesmo número. Esse *mosaico* temporal e espacial, decorrente dos diferentes meios de produção, é uma especificidade deste gênero.

Ademais, os **suportes** dos dois gêneros são distintos: no primeiro caso, o rádio e, no segundo, a gravação em áudio para o Museu da Imagem e do Som. Tal diferença

¹⁰ Ao GER, estão associados diversos tipos de entrevista em função das condições de produção: a entrevista direta, a entrevista diferida (ao vivo ou gravada para ser ouvida em outro momento), a entrevista de caráter noticioso, a entrevista de informação estrita, a entrevista de informação aprofundada ou abundante, esta última contemplando uma panóplia de possibilidades, podendo, por exemplo, ser de ordem temática, composicional, entre outras.

¹¹ Em termos de modalidade escrita, há uma recontextualização do GEM que advém de uma necessidade metodológica da investigação, pelo que se considera o sujeito que transcreve o texto como um interveniente com um papel significativo na retoma do próprio contexto de produção do texto.

de **suporte** vai influenciar as características específicas dos gêneros textuais em análise no que se refere à composição e textualidade. Contudo, vale salientar que essa questão do suporte é ainda mais complexificada em função dos aspectos anteriormente mencionados.

Em seguida, focar-se-á mais o estudo do GEM através do seu exemplar de texto, adaptando o modelo da arquitetura textual desenvolvido no quadro do ISD, conforme Bronckart (1999), em função das especificidades do exemplar de texto analisado, dando ênfase aos elementos plurissemióticos que participam da construção da dimensão argumentativa do texto singular.

3. Metodologia: especificidades deste estudo exploratório

Este trabalho inscreve-se na dinâmica de investigação do grupo Historicidade dos Textos e Ensino de Língua (HISTEL), que se dedicou, a partir de várias abordagens, à análise da entrevista de Pelé, justificada pelo propósito do grupo em investigar textos orais e pelo interesse cultural que a própria figura futebolística motiva. Foi neste contexto que a entrevista foi transcrita¹². Neste sentido, há que salientar duas questões metodológicas referentes ao objeto de pesquisa:

a) a natureza exploratória do estudo está delimitada pela análise empírica de um texto singular, o que significa que a análise de um *corpus* alargado a mais exemplares permitiria uma descrição mais fina e minuciosa do GEM;

b) o exemplar em observação do GEM está integrado em um documento maior composto por informações catalográficas e uma breve introdução sobre o entrevistado, Pelé, de forma a justificar a escolha deste para a produção realizada pelo Museu¹³. O documento é também constituído pelos registos em áudio, nos quais se incluem as entrevistas radiofônicas a Pelé e outras peças documentais em áudio que se referem à vida pessoal e profissional do jogador. Para efeitos desta investigação, considera-se apenas a entrevista propriamente dita na modalidade oral e a sua transcrição como objeto de estudo desta investigação.

4. Esboço arquitetônico do exemplar do gênero entrevista memorialística: aspectos organizacionais, temáticos e marcas de textualização

Neste trabalho, serão objeto de análise questões organizacionais inter-relacionadas às temáticas e à sua materialidade através do estudo dos aspectos linguísticos mais relevantes para a construção da textualidade deste exemplar de GEM. Vale ressaltar, no entanto, que se dará destaque àqueles que contribuem, sobretudo, para a construção da dimensão argumentativa do exemplar selecionado, como mencionado.

A *entrevista memorialística de Pelé* é, tematicamente, composta por duas partes: a história de vida pessoal e o percurso profissional de Pelé.

¹² A transcrição, realizada por um bolsista do PIBIC, foi supervisionada por Valéria Gomes, uma das coordenadoras do HISTEL. Os registos áudios foram acedidos via: <http://acervo.mis-sp.org.br/audio/entrevista-de-pele-edson-arantes-do-nascimento-parte-12-1>

¹³ Destas informações catalográficas da responsabilidade do Museu da Imagem e do Som (MIS), constam informações sobre título, número do registro, uso e acesso, número do exemplar da coleção, local de produção, data de produção, local de gravação, suporte, duração, gênero, descritor e site do MIS onde se encontra a entrevista.

Na primeira, dá-se a apresentação da **autobiografia do menino Pelé**. É de sublinhar que esta detém o protagonismo no corpo do texto, em função do maior espaço no áudio disponibilizado.

Nesta parte, o turno de fala introdutório é ancorado no momento de produção da entrevista, com o **dêitico temporal** – “neste momento”, acompanhado pelo **presente do indicativo** do verbo “abrir”, na primeira pessoa do plural. Este início da entrevista dá o tom confessional à narrativa para a construção de uma espécie de *storytelling*¹⁴: trata-se de um depoimento do maior jogador do futebol brasileiro, Pelé, visando à obtenção de informações que vão ser gravadas para a posteridade. A introdução é feita por alguém que gere a organização dos conteúdos informativos¹⁵ sobre a vida do ídolo e que faz com que este desencadeie a sua história de vida. Não há, inclusive, de acordo com a montagem, nenhuma pergunta introdutória para que isso ocorra. No entanto, este gestor de conteúdos informativos assume um papel efetivo de entrevistador no decorrer do documento, pelo que assumiremos esta designação social.

No espaço textual construído a partir do turno de fala de Pelé, há o desenvolvimento das ações com a utilização de **verbos no pretérito perfeito**, ancorados em momentos específicos do passado “eu **fui** artilheiro”; “a primeira vez que **pus** as chuteiras”; “eu **quebrei** muita vidraça”, “eu sempre **gostei** de jogar [sic] futebol”, além de verbos no pretérito imperfeito. No caso, tal tempo verbal, desvinculado do momento da enunciação, tem um caráter temporalmente durativo e indefinido: “meu pai **era** um dos meus ídolos”; “nós **jogávamos** numa rua”; “**ia** saindo de noite”, servindo como uma espécie de focalização por parte do entrevistado, que reflete mais detalhadamente sobre determinados aspectos da sua vida pessoal. O presente do indicativo também é usado para a apresentação de alguns traços característicos do jogador: “**tenho**... 26 anos”; “**sou** de vinte e três de dez [outubro] de quarenta”.

Passando-se à segunda parte, relativa à vida profissional de Pelé, a entrevista divide-se em quatro subpartes, em função do ponto de vista do enunciador.

- I. A primeira subparte é introduzida pela questão: “Pelé... qual é a sensação de fazer um gol?”. Nesta subparte, ocorrem verbos no pretérito imperfeito e pretérito perfeito do indicativo acompanhados de modalizações apreciativas: “às vezes eu **ficava** mais **satisfeito**...” e “**tinha** muita sorte” descrevem um valor axiologicamente positivo, trazendo uma certa emoção às declarações Pelé. Nesta subparte, ainda ocorre a descrição de fatos como “O Santos **jogou**...”.
- II. A segunda, por outro lado, com um caráter mais opinativo, é desencadeada pela pergunta do entrevistador “Você acha que o jogador brasileiro é mal preparado fisicamente?”, à qual Pelé responde “**eu acho que o jogador brasileiro já criou uma mentalidade contrária ao preparo físico**...”. Nesta resposta, Pelé faz uso também de um verbo opinativo (“eu acho que...”), associando a um verbo no pretérito perfeito “**criou**”, uma expressão nominal de cunho avaliativo (“**mentalidade contrária ao preparo físico**”), reforçada pelo uso de

¹⁴ O *storytelling*, termo surgido no final do século passado, nos Estados Unidos e na Europa, corresponde à antiga necessidade humana de contar história, falando de si mesmo, identificando-se, dando um sentido a suas experiências através de narrativas, misturando a vida privada e pública (cf. Salmon, 2008). Neste caso, utiliza-se *storytelling* para designar a construção de uma narrativa em função de uma perspectiva pessoal assumida pelo próprio Pelé.

¹⁵ Este gestor de conteúdos informativos assume a identidade da equipe do Museu, responsável pela organização da montagem do conteúdo relativo à própria entrevista memorialística.

“já” com valor temporal, apontando para a existência de um problema estrutura.

- III. Na terceira subparte, existe uma espécie de digressão em que o foco do entrevistador é retirado de Pelé para o aporte de um garoto na televisão que respondeu a questões sobre a vida de Pelé. No turno de fala por ele desenvolvido, existe a reiteração de modalizações apreciativas acompanhada de verbos no pretérito perfeito, mostrando a implicação do agente e a sua emoção: “eu **fiquei emocionado**” (repetido duas vezes). Nesta subparte, observam-se ainda expressões coloquiais (“eu estava numa torcida **danada**”) e marcadores linguísticos de oralidade (“**né?**”)¹⁶.
- IV. Na quarta e última subparte, dá-se um retorno temático à subparte um, quando se pergunta a Pelé “você tem consciência de que já fez na sua carreira muitos gols sem querer?” e ele responde “não... gol sem querer eu não...num me lembro de ter feito nenhum...já fiz as vezes gol sem esperar...”. Nestes dois últimos turnos de fala, Pelé apresenta uma espécie de **máxima**, apoiada em um jogo de palavras: não se faz gol “sem querer”, mas pode-se fazer “sem esperar”, acentuando-se um percurso interpretativo, por parte do analista, que fazer um gol implica trabalho e talento, não sendo um acaso.

Esse esboço arquitetônico, de **carácter comunicativo e interacional**, apresenta uma **dimensão organizacional e temática**, construída a partir de uma série de elementos que vão caracterizar a textualidade do texto em análise. Indicar-se-ão, a seguir, algumas das características mais relevantes, também presentes em textos orais¹⁷:

- a. **Turnos de fala**, com a alternância entre perguntas e respostas, sendo as primeiras iniciadas, em sua maioria, por “você” ou, ainda, por “Pelé”;
- b. Incidência acentuada de **pronomes pessoais de primeira pessoa do singular/plural** (“eu”, mostrando o testemunho do jogador sobre a sua vida e o início de sua carreira futebolística). Esta primeira pessoa (singular ou plural) está relacionada tanto com o relato de ações: “**eu quebrei** muita vidraça”, “**nós íamos derrubar** com estilingue”, quanto com a emissão de opinião sobre determinado assunto: “**eu não acho que** o jogador brasileiro seja mal preparado”.
- c. Emprego do **discurso direto**: “Ele dizia... “**Lé eu não quero que** joga bola aqui lé”;
- d. **Repetição de palavras e expressões** (inclusive, dando certo ritmo à fala) – “**que me deu fama... que me deu dinheiro... que me deu** muitas alegrias...”;
- e. Uso de uma **linguagem coloquial** o que traz espontaneidade à fala e aproxima o “maior ídolo do futebol” da fala popular (que apresenta desvios relativamente à norma culta) – “eu **tava** sentado”... “o time de coração **memo**”);

¹⁶ A questão da oralidade será retomada adiante.

¹⁷ De acordo com o modelo de Bronckart, os turnos de fala inscrevem-se na infraestrutura textual e os respectivos elementos linguísticos que os materializam inserem-se no tipo de discurso interativo, visto que há a simulação de uma cena interativa. Quanto aos restantes tópicos, de b. a h., indicados acima, também se relacionam ao discurso interativo, em uma perspectiva de descrição dos mecanismos de textualização com a coesão e coerência textuais.

- f. **Elementos desencadeadores de empatia entre interlocutores** (diminuindo a assimetria entre entrevistado e entrevistador) - “**ai** ficou assim, **sabe?** “receber conselhos, **né?**”;
- g. **Entonação enfática**: **BEM** grandes;
- h. **Pausas** durante as respostas demarcadas por reticências.

Ainda podem ser sublinhados outros aspectos linguísticos relevantes para caracterizar este exemplar de gênero, em particular:

1. **Índices de polifonia**: além da voz do entrevistador e do entrevistado, várias outras vozes são convocadas no texto, participando do relato de vida do jogador. Alguns dos responsáveis das vozes são apenas nomeados (os diversos elementos da família, em especial **o seu pai**) e outros elementos são igualmente convocados, apresentando algum tipo de participação maior no turno de fala:
 - “**o turco da rua**”: o possível responsável pelo próprio apelido de Edson Arantes do Nascimento, como se observa em “Lé eu não quero que jogue bola aqui lé” (em termos fonéticos, como era turco poderia estar confundindo o “lá” com “lé”; “Vai jogar com o **pé lé** ...”);
 - “**Valdemar de Brito**”: o responsável pela ida de Pelé para o Santos, como está patente em “... o Valdemar de Brito falou...”, “vou vê se... levo você pro Santos...”. Inclusive, este discurso direto não segue a forma canônica, devido à omissão do verbo introdutório deste tipo de discurso “dizer” e da conjunção “que”
 - “**Mário Lamas**”: como alguém que detém o conhecimento sobre a carreira de Pelé, “te:m um senhor aí em Santos...Mário Lamas...não sei se vocês conhecem de nome...até o ano passado...oficialmente eu tinha feito oitocentos e setenta e cinco parece gols...”;
 - **o garoto entrevistado** na televisão, mencionado anteriormente;
 - “**seu José**” - uma referência da sua infância a pessoa que o premiou pelo seu desempenho, “iam apanhando o dinheiro...as notas... ou as moeda e:: depois eu fui buscar... na casa desse Seu José...esse Seu José:...ele:: era do time... eu me lembro que ele até me deu uma bronca porque eu fiquei da manhã do torneio ... até as nove horas da noite...foi a hora que ele chegou na casa dele...eu tava sentado na porta esperando o dinheiro”. Essa panóplia de vozes (com ou sem fala expressa retomada na entrevista) faz parte das memórias autobiográficas de Pelé.
2. **Fórmulas de cortesia** nas perguntas por parte do entrevistador (com o intuito de mitigar a distância em relação ao entrevistado):
 - “você **acha** que...” (verbo no presente do indicativo, expressão com caráter avaliativo);
 - “você **podia** dizer...” (verbo no pretérito imperfeito, expressão de natureza modalizadora).
3. **Escolha lexical** (demarcando fragilidade, o que é semelhante à maioria das crianças brasileiras):
 - “a minha infância foi muito boa... como todas as infâncias dos **garotos pobres**”;

- “**bola era de papel... bola de laranja... bola de pano de meia...** nesse tempo nós **não** tínhamos **luxo** ainda de querer uma **bola de borracha...**”;
- eu sempre fui **moleque de rua...** todos os moleque eram de rua eu a::cho que **era o pior...**;
- “uma vez eu cheguei até **a arrumar minha mala e ia saindo de noite ...** pra vir embora....”

Este tipo de escolha lexical contribui para a coesão nominal no texto, permitindo a construção de um *ethos* frágil e, ao mesmo tempo, atestando um *ethos* de *superação*: Pelé vence os obstáculos que a vida apresenta.

4. **Articulação textual dos argumentos** (apresentação e interação das unidades linguísticas com valor argumentativo):

(a) **articuladores lógicos**: estes aparecem mais na parte 3.^a parte (centrada na vida profissional de Pelé). Está diretamente relacionada com os comentários suscitados pelo entrevistador a partir da pergunta:

- “Você acha que...?”; no caso, o turno de fala de Pelé responde e tenta justificar a sua opinião;
- “Você podia dizer porque o Brasil....? [...] **porque** os jogadores foram incertos...”;
- “porque as intenções”;

(b) **organizadores do discurso**

- “**Em primeiro lugar** é minha satisfação...”

(c) **Modalizações**

i. Modalizações apreciativas:

- “A sensação de fazer um gol é **difícil** de explicar viu?”;
- “Eu ficava mais **satisfeito** com certas jogas que eu fazia.... no campo”;
- “Eu fiquei **emocionado**”...

ii. Modalização epistêmica (demarca insegurança do próprio entrevistado na vida profissional e pessoal)

- “oficialmente eu tinha feito oitocentos e setenta e cinco **parece** gols”....;
- “eu **acho** que....”;

A **terceira parte** tem início com a vida profissional de Pelé, propriamente dita.

Na **entrevista de cunho ‘memorialístico’**, há evidentemente o predomínio do **relato interativo**, visto que há uma implicação daquele que relata e ao mesmo tempo um afastamento (ou disjunção) em relação àquilo que relata.

5. **Argumentação na entrevista memorialística**

Partindo das análises realizadas, a dimensão argumentativa, no exemplar do GEM em análise, está diretamente relacionada ao registro da vida profissional e pessoal de determinado indivíduo, no caso um ídolo do esporte nacional e internacional – Edson Arantes do Nascimento (o Pelé).

Pode-se considerar que, neste caso concreto, no nível microtextual, existem trechos de teor opinativo (em ocorrência na 3.^a parte do texto), em que Pelé dá a sua opinião sobre a questão do preparo físico dos jogadores e a perda da Copa de 66 pelo Brasil. Nesses segmentos, o uso de **expressões avaliativas**, tais como “**eu acho que...**” e “**eu acredito que...**” e de articuladores lógicos, como o uso do “**porque**”, demarca exatamente a dimensão argumentativa. Além disso, é importante salientar que muitos

dos aspectos já anteriormente apontados, como o emprego de modalizações epistêmicas e apreciativas, dos índices de polifonia já anteriormente identificados atestam a dimensão argumentativa no nível micro.

No nível macrotextual, poder-se-ia também pensar na existência de certa dimensão argumentativa, quando da utilização de uma espécie de **argumento por exemplificação** a ser inferido: [Pelé é um exemplo a ser seguido por muitos jovens]. Ao mesmo tempo, tal exemplo é ilustrado através de um caso de sucesso e de transformação – **argumento por ilustração**, como se observa no esquema argumentativo implícito a seguir representado:

“Todos os indivíduos podem com persistência ser Pelé independentemente da sua condição social” (*doxa*/ lei de passagem).

[se quiser ser um Pelé] _____ [então siga o seu exemplo]¹⁸

Com isso, reforça-se que o exemplar do gênero em análise, embora não tenha uma visada propriamente argumentativa, ou seja, a sua finalidade global não é a de defender determinado ponto de vista, apresenta uma dimensão argumentativa tanto explicitamente demarcada quanto implícita – inferida a partir do relato da sua autobiografia e dos recursos linguísticos apontados.

6. Considerações sobre a análise

Destaca-se que a realização de uma modelização didática do GEM exige, forçosamente, a constituição de um *corpus* para a análise das regularidades apresentadas e das suas singularidades, relacionadas a questões textuais contextualmente instanciadas, relevantes para a análise dos textos. No entanto, o presente trabalho tem um caráter meramente exploratório, podendo já sinalizar algumas pistas de pesquisa interessantes.

Primeiramente, o estudo de um exemplar do GEM ratifica o interesse de aprofundar a pesquisa sobre a própria tradição discursiva do gênero *entrevista* na atividade jornalística, colocando a hipótese da existência de uma evolução do próprio gênero, diretamente coibida pelos meios de comunicação e de difusão atualmente utilizados.

Além disso, a *entrevista memorialística de Pelé* apresenta características muito singulares, atestando a relevância do estudo de sua manifestação singular. Tal fato, inclusive, a diferencia de outras entrevistas completas, mais canônicas, que respondem a uma organização mais clássica do gênero.

Do ponto de vista organizacional e temático, constatou-se que a entrevista analisada está organizada em várias partes: introdução do entrevistador, autoapresentação da infância de Pelé com poucas intervenções do entrevistador, questões gerais sobre o futebol e retorno sobre a vida do entrevistado, com informações e comentários. Nesta parte, à exceção da introdução, em que normalmente em uma entrevista radiofônica ocorre a saudação ao público e a identificação do entrevistador e do entrevistado, não se verificaram diferenças substanciais em relação à organização textual de uma entrevista gravada em áudio para o museu.

¹⁸ Observa-se aqui que tanto premissa inicial quanto a conclusão são implicitamente decodificadas pelo receptor. O uso de colchetes demarca o caráter implícito dos enunciados.

Quanto aos aspectos de textualização, não foram aferidas características muito distintas do que se observa, na atualidade, nas entrevistas radiofônicas. Não obstante, não deixamos de sublinhar que, por se tratar da análise de uma entrevista em que o entrevistado detém a maior participação, há características estilísticas particulares da fala de Pelé que são evidenciadas (elementos fraseológicos e expressões idiomáticas). Por meio da análise do exemplar deste GEM, pode-se supor que a própria tradição discursiva do gênero pode justificar a mutação desse gênero. No entanto, essa hipótese deverá ainda ser prudentemente testada. Talvez, em um estudo diacrônico, em que esta entrevista possa vir a ser comparada às veiculadas atualmente pela TV ou pela internet. No caso, poder-se-ia, realmente, atestar a existência de certa evolução na historicidade do gênero.

Do ponto de vista da argumentação, ainda que a *entrevista memorialística* não seja um gênero etiquetado como “argumentativo”, dado o seu objetivo maior ser o de recuperar elementos pessoais e profissionais de determinado indivíduo com repercussão na sociedade, observou-se que o exemplar selecionado apresenta aspectos de natureza argumentativa, no nível micro e macrotextual.

Em relação ao primeiro nível, esses aspectos estão associados a avaliações, opiniões e comentários do entrevistado e ao caráter polifônico das respostas de Pelé (em particular, os conectores, os articuladores lógicos e as expressões avaliativas). Há ainda aspectos lexicais, questões enunciativas e modalizações (apreciativas, epistêmicas) que corroboraram a construção de um *ethos* vitorioso e acessível de Pelé.

No segundo nível, em termos de macrotextualidade, observou-se, na análise, um esquema argumentativo implícito, no qual é retratado um argumento por exemplificação, importante para evidenciar a possibilidade de que outros meninos possam ser persuadidos a seguir o exemplo de vida de Pelé.

Destaca-se também o encerramento da *entrevista memorialística* com um jogo de palavras que marca também a orientação argumentativa da entrevista: “**PELÉ:** não... gol sem querer eu não...num me lembro de ter feito nenhum...já fiz as vezes gol sem esperar...”.

7. Modelização didática

A análise realizada permitiu sugerir várias pistas para organizar propostas de ensino do gênero *entrevista memorialística*.

A primeira pista decorre da importância da análise do exemplar do gênero observado. Este trabalho de compreensão do texto singular permitiu observar as regularidades e especificidades do gênero de texto, o que possibilita futuros estudos contrastivos e sistemáticos com outras entrevistas radiofônicas, inclusive, algumas de tipo memorialístico.

A segunda advém da relevância do trabalho de análise de gêneros de texto orais para melhorar o seu ensino em contexto escolar. Nesse sentido, as análises apresentadas podem servir de orientação para localizar a entrevista de Pelé face à situação de produção e das interações sociodiscursivas que a caracterizam. Além disso, a observação da arquitetura do texto pode ajudar a situar a organização dos conteúdos temáticos e a construir a significação, articulando a visão global do texto em relação à progressão temática local.

Por fim, as dimensões argumentativas analisadas, no nível macro e microtextual, podem permitir um trabalho sobre a textualidade da oralidade em português. Do ponto de vista da produção, as análises realizadas podem orientar

possíveis projetos de entrevistas com personalidades conhecidas a serem realizadas pelos alunos.

Ainda, para terminar, é relevante ressaltar que as análises realizadas do exemplar do GEM podem suscitar uma discussão sobre a progressão curricular nos ensinos fundamental e médio.

No ensino fundamental, os alunos no primeiro segmento podem descobrir a função do jornalista, as situações de interação social em que se realizam as entrevistas e podem trabalhar sobre a estrutura de base do diálogo numa situação formal de comunicação para a imprensa. As entrevistas memorialísticas, como a de Pelé, podem ser objeto de uma escuta coletiva e de uma discussão sobre os temas tratados durante a entrevista. Um projeto de *role-play* ou de interação entre alunos para realizar entrevistas poderá motivar um trabalho sobre a oralidade formal.

Na primeira etapa do ensino médio, poder-se-á ser mais ambicioso em termos de compreensão com a descoberta de jogos de responsabilidade enunciativa, em que haja a implicação do destinatário, com a exploração de questões linguísticas várias como: a polifonia, o uso das modalizações, dos articuladores textuais e dos organizadores lógico-argumentativos. As atividades coletivas de compreensão permitirão comparar o texto singular com outras entrevistas e perceber as particularidades da difusão do texto singular analisado.

Do ponto de vista da produção, uma rádio escolar permitiria a difusão de entrevistas realizadas pelos próprios alunos com jogadores/as ou personalidades do futebol. A avaliação das produções orais mereceria tomar em consideração as dimensões apontadas neste artigo.

Em uma etapa mais avançada do ensino médio, os professores poderiam ser mais ambiciosos e trabalhar sobre as questões implícitas e pressupostos textuais, analisar as dimensões argumentativas e desenvolver um espírito crítico com a aferição dos conteúdos temáticos desenvolvidos nas entrevistas. A comparação de entrevistas realizadas em diferentes meios, em diferentes contextos e em diferentes épocas pode contribuir para a percepção de uma visão cultural da tradição discursiva jornalística. É nesse sentido que defendemos um trabalho sobre a historicidade do gênero de texto. A realização de entrevistas exigiria, neste caso, uma preparação sobre a biografia dos entrevistados e uma intervenção dos alunos, de maneira que pudessem ser retomados, de modo crítico, argumentos anteriormente apresentados em outras entrevistas.

Referências

AMOSSY, Ruth. *L'Argumentation dans le Discours*. Paris: Armand Colin, 2012.

ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. *L'argumentation dans la langue*. Bruxelles: Pierre Mardaga éditeur, 1983.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelin de; TINOCO, Glícia Azevedo. Letramento e argumentação no ensino da língua portuguesa. *Entrepalavras*, v. 9, n. 1(9), p.18-35, jan-abr., 2019.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6.^a edição. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos – Por um interacionismo socio-discursivo*. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. *Les médias et l'information. L'impossible transparence du discours*. Bruxelles: De Boeck et Larcier, 2005.

DE PIETRO, Jean-François; DOLZ, Joaquim. L'oral comme texte: comment construire un objet enseignable? *Education et recherches*, v.19 (3), p. 335-359, 1997.

DOLZ, Joaquim; PASQUIER, Auguste. Enseignement de l'argumentation et retour sur le texte. *Repères. Recherches en didactique du français langue maternelle*. n. 10, p. 163-179, 1994.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Pour un enseignement de l'oral*. Initiation aux genres formels à l'école. Paris: ESF ÉDITEUR, 1998.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola* (Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro). Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004. p.35-60

DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane. Le genre du texte, un outil didactique pour developper le langage oral et écrit. *Pratiques* 137/138 (en ligne), p. 179-198, 2008.

ESSENFELDER, Renato. Marcas da presença da audiência em uma entrevista jornalística. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 3, n. 4, p. 15-16, mar. 2005. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_4_marcas_da_presenca_da_audiencia.pdf Acesso em: 28 out. 2023.

HOFFNAGEL, Judith C. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 195-208.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MIRANDA, F.; BUSSOLA, D. Revisitando a relação entre texto, contexto e gênero: uma análise do documento “Entrevista de Pelé”. **Revista Leia Escola**, Campina Grande, v. 23, n. 4, p. 4–21, [2023]. DOI: 10.5281/zenodo.10302326. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/leia/article/view/2041>. Acesso em: 8 dez. 2023.

MORIN, Edgar. A entrevista em Ciências Sociais, no rádio e na televisão. In: MOLES, Abraham A. et al. *Linguagem da cultura de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973, p. 115-135.

PINTO, Rosalice. Argumentação em textos escritos: o papel do ‘savoir-faire’ docente. *Indagatio Didactica*, v.12, n.2, p. 127-142, 2020.

RAPANTA, Chrysi; MACAGNO, Fabrizio. Argumentation methods in educational contexts: Introduction to the special issue. *International Journal of Educational Research*, v. 79, p. 142-149, 2016.

SALMON, Christian. *Storytelling, la machine à fabriquer des histoires et à formater les esprits*. 2ème edition. Paris: La Découverte, 2008.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.